

Documentação
 FONTE: ISTO É
 DATA: 21/6/99 Pg 134
 CLASS: 124

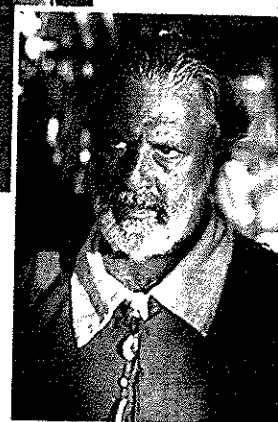


CINEMA

ELENCO encabeçado por Fagundes (abaixo) viaja dos dias atuais até o século XVII numa aventura que combina história e humor

índia Tauana, revelou sua plástica impecável numa cena de sexo.

De resto, aquelas pessoas que raramente vão ao cinema ficaram como que hipnotizadas, acompanhando a saga do grupo de aventureiros que por um truque do tempo se desloca dos dias de hoje para o século XVII, época em que bandeirantes cortavam o País à procura de ouro. Todos buscavam o tesouro dos Martírios, espécie de Eldorado brasileiro, cuja área repleta de pedras de formações pontiagudas e inscri-



FOTOS: ESTEVAN AVELLAR

“O filme é bom, mas quero ir embora”

Índios assistem à pré-estréia de *No coração dos deuses* numa pequena cidade no Tocantins

CELSO FONSECA - Porto Nacional

nal, o silêncio era absoluto e respeitoso, só quebrado por três vezes. A primeira, quando reconheceram na tela a fachada do maior orgulho da cidade, que, no momento, estava exatamente atrás deles - a da portentosa Igreja de Nossa Senhora das Mercedes, cuja construção iniciada pelos escravos só

ções ancestrais só foi descoberta nos anos 70. Sob o pano de fundo histórico, *No coração dos deuses* - cuja estréia nacional está prevista para julho - acrescentou com humor um tom de fábula delirante de onde saltam figuras mitológicas como o curupira. A combinação agradou ao público.

Raramente em sua história, a praça Nossa Senhora das Mercedes, no centro histórico da cidade de Porto Nacional, no Estado de Tocantins, esteve tão lotada como na calorenta noite do sábado 22. Em meio a uma escuridão quase total, cerca de 15 mil pessoas se espremeram entre árvores, muros



KRAHÔS (ao fundo) assistem à projeção do filme com Moraes

ou sentaram no asfalto para assistir à projeção ao ar livre de *No coração dos deuses*, uma aventura juvenil dirigida pelo cineasta Geraldo Moraes, estrelada por Antonio Fagundes, orçada em R\$ 2,3 milhões. Centenas daquelas pessoas atuaram no filme como figurantes, ao lado de 50 índios krahôs que também presenciaram à sessão. Apesar do dia inusitado na vida de Porto Nacio-

foi concluída no início do século. Depois, riram ao ver o ator Roberto Bonfim ameaçando um dos bandidos com uma arma inusitada, nada menos que a cobra Sofia, uma salamanta de dez anos, três quilos e 2,60 m de comprimento que recentemente gerou 32 esportos filhotinhos. Por fim, provocaram burburinho quando a atriz portuguesa Rosa Castro, que interpreta a corajosa

Platéia das suas próprias atuações, os krahôs aprovaram a experiência inédita, mas naquele dia só pensavam em retornar à sua aldeia. Francisco Krahô não parava de resmungar. “O filme é bom, mas quero ir embora.” Como são pouco aculturados, os krahôs não têm muita sociabilidade. Também não são ingênuos. Durante as filmagens eles mostraram que sabem fazer reivindicações. Certo dia amea-

çaram não “brincar mais” - expressão usada por Geraldo Moraes - caso ele não providenciasse um tal de pau podre. Quando soube que se tratava de miconha, o diretor se assustou. “Não mexo com isso, não posso conseguir nada.” A desculpa não foi aceita e os índios não tiveram dúvida em apontar um dos técnicos do filme que poderia abastecê-los. As filmagens continuaram. ■